

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## DIÁRIO VIRTUAL: “MEMÓRIAS DA PANDEMIA” E OS DIÁLOGOS COM A HISTÓRIA PÚBLICA

Evelyn Soares de Abreu

Discente do Programa de Pós-Graduação em História Pública/Universidade Estadual do  
Paraná (UNESPAR)

evelyn.abreu@sou.unifal-mg.edu.br

*Rotina? Nem sei se saberei novamente seguir uma...O que mais fui afetada  
nessa pandemia foi na rotina. Planos tive vários, acordar tal horário, ler  
tantas páginas do livro, estudar isso e aquilo, trabalhar remotamente,  
almoçar tal hora, assistir esse filme, aquela série x, etc.  
A realidade foi outra, me perdi totalmente, e quer saber? Como é bom se  
perder em si mesma às vezes né? Como é bom não ter compromisso com  
nada pelo menos por um tempo.*

*Sim, o vazio chega, aqui ele já chegou, porém não posso mentir e esconder a  
parte boa, foi ótimo ir dormir a hora que eu quisesse, acordar a hora que eu  
quisesse. Ser e fazer o que eu queremos, mesmo que o que se queira seja  
NADA. Ter tido tempo para não fazer nada, não produzir nada foi muito  
bom, não posso negar. Claro, já cansei, mas foi importante!*

*(Relato da Professora da Rede Estadual do Município de Alfenas (MG) em  
20/06/2020 ao Diário Virtual Memórias da Pandemia)*

O relato acima está publicado no “Diário Virtual: memórias da pandemia”, disponível no site do Laboratório de História Pública ([www.unifal-mg.edu.br/lhp](http://www.unifal-mg.edu.br/lhp)), da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). A sua autoria é de uma professora da rede estadual de educação do estado de Minas Gerais. Através dele, percebemos as narrativas docentes e as construções das trajetórias profissionais tão afetadas durante a pandemia da Covid.19. Junto a esse relato, outros tantos somam-se no Diário e por todo Brasil.

Este trabalho faz parte da minha pesquisa iniciada em maio de 2020 no contexto pandêmico que atingiu a população mundial. Em diálogo com a Rede Brasileira de História Pública, o trabalho se justifica pela emergência do debate que envolve a circulação e troca de saberes acadêmicos com a produção do conhecimento advindos de diferentes segmentos da sociedade e sua circulação em rede, na busca para a democratização e acesso ao conhecimento histórico, produzido pelos agentes sociais diversos. Em contexto de pandemia do COVID-19, provocada pelo novo coronavírus,

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

SARS-COV-2 muitos pesquisadores de diferentes áreas procuraram se mobilizar com a finalidade de contribuir para a compreensão e a solução de uma crise que não é apenas de saúde física, mas mental, emocional, econômica e social. O senso comum de que vivemos um “novo normal” tem afetado as relações humanas, reorganizando formas de trabalho, de ensino e de sociabilidade.

Nesse sentido, o(a)s historiador(a)s também buscaram colaborar profissionalmente com suas pesquisas e, diante das dificuldades em se realizar entrevistas orais presencialmente, muitos registros das experiências da população brasileira passaram a ser feitas de forma remota, por meio da criação de diários virtuais. Algumas iniciativas nacionais estão documentando a pandemia, como o projeto Testemunhos do Isolamento do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, o Diário para o futuro, organizado pelo Museu da Pessoa, o Museu da Língua Portuguesa, o projeto A maré de casa, criado pela ONG Redes da Maré, e Diários da Pandemia, da FioCruz, entre outros.

*“Sou professora. Algo inusitado aconteceu com a nossa classe! Pela primeira vez na vida, as pessoas passaram a dar valor às professoras e professores. Sabe por que? Porque estamos na era das aulas online... É isso mesmo! Tudo pelo computador. Os meus alunos são grandinhos e estão no 5º ano, a gente se encontra todos os Santos dias em um aplicativo chamado Zoom e temos aula das 13:30 as 17:30. Faço questão de dizer a eles constantemente o quão privilegiados eles são, por estudarem em uma escola particular e ter a oportunidade de estar tendo aula (e aí entra a tal valorização que citei acima, os pais estão ficando loucos para ajudar os filhos em casa com as atividades escolares!!!). A minha rotina é: realizar meus afazeres domésticos na parte da manhã, juntamente com planejamentos escolares, dar aula na parte da tarde toda e à noite, corrijo provas, assisto tb é descanso. Tudo sempre dentro de casa. Uma rotina desgastante e enjoativa, muito distante do que eu sempre fui acostumada.”*

*Relato feito ao Diário Virtual “Memórias da Pandemia” em 01/06/2020, Anônima, natural de Alfenas/MG, Branca, Feminino, 32 anos, professora da rede particular.*

O desenvolvimento do “Diário virtual: Memórias da Pandemia”, relacionado à Universidade Federal de Alfenas, sob orientação das professoras Lívia Nascimento Monteiro e Marta Gouveia de Oliveira Rovai, e por mim executado, conseguiu reunir 50 (cinquenta relatos), entre eles 30 (trinta relatos) são de professores. Como os demais projetos espalhados pelo país, o objetivo tem sido, além de documentar e recolher relatos, a partir das subjetividades e das experiências ordinárias sobre o extraordinário

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

representado pelo chamado “novo normal”. Além disso, pretendeu também produzir fontes históricas relacionadas às experiências individuais e coletivas de pessoas que vivem numa pequena cidade mineira, muitas vezes negligenciadas por grandes projetos que não as contemplam. O registro virtual de professores, no formato de um Diário, representará a oportunidade de uma escrita coletiva e digital sobre o período de isolamento social e de seus efeitos sobre suas vidas pessoais e também no processo educacional.

A história pública, compreendida como uma prática multidisciplinar que busca construir coletivamente uma “história feita para o público, com o público e pelo público (SANTHIAGO, 2018), elenca diferentes linguagens, recursos e suportes para a ampliação de audiências, para a produção de um conhecimento coletivo, necessário para a compreensão das relações sociais e de testemunhos sobre a dor coletiva (ALMEIDA, ROVAI, 2011). Como afirmou Michel Goulart Silva, sobre a importância desses registros:

Analisar os impactos e dinâmicas sociais relacionados a outros surtos, epidemias e pandemias ao longo da História pode ajudar a compreender o papel contemporâneo de políticas como a de isolamento, os tratamentos de saúde ou a relação desses fatores com os problemas sociais construídos ao longo de décadas ou mesmo séculos. Permite ainda investigar as ações, em diferentes lugares e contextos históricos, que Estados e governos adotaram não apenas no combate direto contra as doenças, mas também para garantir questões básicas para a manutenção da sociedade, como alimentação, emprego e salário das populações. (SILVA, 2020, p. 2)

Dessa forma, o “Diário Virtual: Memórias da Pandemia”, como um trabalho de história pública, visa a ampliação e democratização do acesso ao conhecimento histórico, as fontes produzidas e a criação de espaços de memórias e escritas coletivas pelo Diário. É por meio de práticas e reflexões teórico-metodológicas importantes advindas da História Pública que o Diário pretende produzir, em parceria com os depoentes, as produções científicas que estimulem o que Jörn Rüsen, Sara Albieri e Luiz Fernando Cerri conceituam como “consciência histórica” (RÜSEN, 2010, ALBIERI, 2011; CERRI, 2010) e como a construção de uma memória cultural.

O “Diário Virtual: Memórias da Pandemia” iniciou com o objetivo de criar um Diário Virtual online e colaborativo com o intuito de recolher narrativas escritas, sentimentos, afetos, dores e memórias da pandemia da Covid-19 e disponibilizar essas experiências no site Remadiv/Unifal-MG e constituir um acervo documental sobre a

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

pandemia na UNIFAL-MG. O Diário está vinculado ao Laboratório de História Pública e ao Mestrado em História Pública da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). O mesmo buscará revelar os possíveis diálogos e aproximações no que tange a uma das grandes questões que envolvem a democratização do acesso ao conhecimento histórico e sua inserção em espaços públicos virtuais diversos.

Nesse sentido, a importância deste trabalho se justifica por dois motivos: a contribuição dos registros digitais dos docentes da rede pública do município de Alfenas e sua possível ampliação (uma vez que o projeto segue em aberto) e publicização, e a análise dos relatos produzidos em 2020 e 2021, discutindo as relações entre subjetividades e coletividade, as experiências em contextos de pandemia, observando aspectos individuais mas também sociais que afetaram e promoveram seus sentimentos, afetos e vivências.

A interação está colocada como princípio norteador dessa pesquisa, através das trocas e possibilidades de contatos entre os campos da História Pública e as construções coletivas a serem construídas pelos estudantes do curso de História. A inclusão de ambos os públicos, por meio da interação dialógica, propiciará a democratização do acesso aos conhecimentos e saberes históricos e a troca de conhecimentos acadêmicos e escolares

Segundo Manoel Salgado Guimarães (2009), é necessário que estejamos atentos ao fato de que as demandas por lembranças e memórias advindas da contemporaneidade, não implicam necessariamente em mais conhecimentos sobre o passado e compreensão crítica das suas experiências. Os relatos produzidos pelos docentes possuem especificidades que vão além de produções pessoais, as mesmas perpassam a realidade em que estão inseridos no cotidiano das aulas remotas, do convívio com os seus entes na sua residência e claro das políticas públicas. Sobre isso, Lílian Miranda Bezerra, argumenta que

Os Diários elaborados neste momento de reclusão - causado pela pandemia do novo coronavírus - podem ser apreendidos no entrecruzamento de reflexões e sentimentos subjetivos/pessoais, mas também retratam os anseios e experiências de uma categoria profissional específica, podendo refletir um novo modo de pensar e de operacionalizar a profissão docente (BEZERRA, 2020, p. 4).

No que tange as memórias, Andreas Huysen denomina que estamos na era das “seduções pela memória”, ou seja, vivemos no tempo presente as verdadeiras “inflações

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

de memórias” acompanhadas da monumentalização das formas de relações com o passado (HUYSEN, 2014). No campo historiográfico, o trabalho sobre a valorização e sedução pelas memórias tem sido objeto de investigação dos(as) historiadores(as), que buscam compreender quais os critérios de legitimação dos discursos sobre o passado inferem sobre a veracidade sobre o mesmo (NORA, 1984). Diante de excesso de (des)informações trazidas pelas redes sociais, cabe ao historiador que lida com a história pública digital perceber as inúmeras formas de significação que pessoas e grupos dão à sua vida e à própria história, diante de momentos traumáticos como a pandemia. Mais do que a verdade em si, a questão que também importa é o próprio relato, a emoção, que segundo Alessandro Portelli (1996) - ao tratar da narrativa oral - também deve ser analisado como fato, repleto de sentidos.

Em diálogo com tal trabalho, se destaca o questionamento de como os relatos dos professores podem colaborar para adentrarmos nos saberes e significados que constituem suas vidas cotidianas, sua carreira docente e as relações sociais nas quais estão inseridos. Como podem trazer suas vivências, experiências nesse momento pandêmico de formação e atuação, repensando suas relações pessoais e também profissionais, que afetam e são afetadas por outras vidas, também. Neste sentido,

Os professores são sujeitos do conhecimento e possuem saberes específicos ao seu ofício (...) A prática deles, ou seja, seu trabalho cotidiano, não é somente um lugar de aplicação de saberes produzidos por outros, mas também um espaço de produção, de transformação e de mobilização de saberes que lhe são próprios. (TARDIF, 2014, p. 237)

A diversidade de leituras e procedimentos, nesse movimento da História Pública, expressa aprendizados e transformações por meio dos passados presentes – histórias de vidas (de professores) alimentadas por questões socialmente vivas, no tempo presente, com potência para ressignificar politicamente a memória social sobre a docência em história no Brasil (SILVA; ANDRADE; ALMEIDA, 2019, p. 176). Como perspectiva teórico-metodológica, o recente movimento na historiografia brasileira e internacional vem produzindo importantes contribuições para a compreensão da História Pública e as novas possibilidades sugeridas aos historiadores que se entremearam por esse caminho de pesquisa (ALMEIDA, ROVAI, 2011). Temas como memória, cinema, rádio, mídia, literatura, patrimônio cultural e educação, estão no escopo das pesquisas dessa recente área no Brasil, ampliando as perspectivas de produção científica no país – assim como

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

vem aumentando os meios de divulgação da pesquisa, com suportes em arquivos, museus, filmes, televisões, jornais, mídias eletrônicas e outros, ampliando as perspectivas sobre uma história voltada ao público como audiência e como sujeito (CARVALHO; LUCCHESI, 2016).

*|Tantas coisas...*

*Da solidariedade de pessoas e instituições que conheço.*

*Da desigualdade social evidenciada pela falta de acesso aos canais digitais de comunicação.*

*Do compartilhamento do saber científico.*

*Do meu amigo Edmar que perdeu sua mãe para o covid 19.*

*Da minha avó, falecida no início da pandemia, de morte natural. Parece ter morrido de tristeza ao ficar isolada apenas com uma das filhas.*

*Da minha atuação profissional e da parceria com meus alunos.*

*Das professoras e professores se reinventando.*

*Da Guiomar de Melo palestrando em uma live sobre o uso das tecnologias pelos docentes, como algo necessário e que já deveria ter acontecido; mas paradoxalmente, se atrapalhando a todo momento com o áudio.*

*Da proximidade que aumentou entre minhas filhas e eu.*

*Da sobrecarga de trabalho.*

*Das disputas políticas em meio à pandemia.*

*Relato feito ao Diário Virtual “Memórias da Pandemia” em 22/06/2020. R. S. S., natural de Alfenas, cor/raça: prefiro não declarar, feminino cis, professora da rede estadual de Alfenas/MG, 42 anos*

Ainda é comum encontrarmos dúvidas e questionamentos quanto a atuação da história pública, a história pública digital e do(a) historiador(a) que assume essa recente perspectiva de análise. Na grande maioria das vezes, a confusão acontece pelo entendimento equivocado e simplista da história pública apenas com o fim da divulgação do conhecimento histórico. Michael Frisch (2016) e Jill Liddington – importantes e renomados pesquisadores envolvidos com a prática da história pública – debatem sobre a suposta indefinição da área e respondem a esses questionamentos. Para Frisch, a história pública assumiu formas diferentes nos vários contextos nacionais em que tem sido praticada e essa variabilidade não impediria a existência de aproximações e preocupações comuns entre os historiadores públicos de diversos países. Segundo Jill Liddington (2011), a amplitude, a variação e o pluralismo de significados e usos que caracteriza a história pública, em seus vários contextos e culturas nacionais são os grandes motes de pesquisa da área que cresceu substancialmente nos países como Estados Unidos, Austrália, Inglaterra, entre outros.

Segundo Juniele Râbello de Almeida e Marta Gouveia de Oliveira Rovai (2011), o conceito de história pública não é novo, porém as reflexões sobre as suas especificidades

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

no contexto acadêmico brasileiro se expandiram atualmente. As autoras apontam a importância do tema na Inglaterra ainda nos anos 1970 e outros países europeus, com fins político-ideológicos. Nos anos 1980, historiadores estadunidenses passaram a divulgar seus trabalhos fora do circuito acadêmico e pensar o conhecimento acadêmico na arena pública, com mídias e discursos entremeados. Entretanto, em resposta aos enganos e confusões inerentes ao processo de produção de conhecimentos, a área tem se firmado no Brasil, especialmente após a criação da Rede Brasileira de História Pública, fundada em 2012 com a intenção de promover um espaço de interação entre os pesquisadores e estimular essa prática de produção de conhecimento histórico baseado em processos inclusivos, democráticos e colaborativos, sendo a história pública digital uma das possibilidades.

Entretanto, em resposta aos enganos e confusões inerentes ao processo de produção de conhecimentos, a área tem se firmado no Brasil, especialmente após a criação da Rede Brasileira de História Pública, fundada em 2012 com a intenção de promover um espaço de interação entre os pesquisadores e estimular essa prática de produção de conhecimento histórico (REDE BRASILEIRA DE HISTÓRIA PÚBLICA, 2012).

A história pública vem se estabelecendo, portanto, nas reflexões e práticas que buscam democratizar o acesso ao conhecimento histórico, por meio da criação de novas formas de comunicação com públicos diversos com base no trabalho interdisciplinar, colaborativo e em rede de saberes compartilhados. De acordo com a Rede Brasileira de História Pública, a “história pública, mediadora de saberes em diálogo e em conflito, é uma poderosa plataforma de observação e ação frente às múltiplas possibilidades de tomada de posse de experiência passada pelos coletivos que se formam nas trincheiras culturais (...)”. (Rede Brasileira de História Pública, 2019).

A história pública vem se estabelecendo, portanto, nas reflexões e práticas que buscam democratizar o acesso ao conhecimento histórico, por meio da criação de novas formas de comunicação com públicos diversos com base no trabalho interdisciplinar, colaborativo e em rede de saberes compartilhados, como é o caso do projeto “Diário Virtual: Memórias da Pandemia”, preocupado não apenas com a divulgação, mas também com a construção de um conhecimento colaborativo. De acordo com a Rede Brasileira de História Pública, a “história pública, mediadora de saberes em diálogo e em conflito, é

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

uma poderosa plataforma de observação e ação frente às múltiplas possibilidades de tomada de posse de experiência passada pelos coletivos que se formam nas trincheiras culturais (...)” (Rede Brasileira de História Pública, 2019).

Ainda segundo Frisch (2016) a história pública deve ser inclusiva, interativa, colaborativa, aberta e dialógica, com a síntese de “autoridade compartilhada” como máxima da história pública, que reconhece o caráter compartilhado do processo de construção do conhecimento histórico. No Brasil, o alinhamento teórico da história pública está mais perceptível dentro dessa perspectiva defendida por Frisch. Para Ricardo Santhiago, mais do que um campo disciplinar separado ou um modelo normativo e prescritivo, a história pública no Brasil cumpriria o papel de:

Um dispositivo conceitual capaz de ajudar o historiador a enfrentar os desafios contemporâneos de sua atividade. Não é, portanto, sugerida necessariamente dentro de uma chave prospectiva; para além da plasticidade da expressão e da sua capacidade de abrigar um número e uma variedade notável de práticas e reflexões, ela tem funcionado principalmente como uma espécie de categoria deflagradora de um exercício de retrospectiva. (SANTHIAGO, 2018, p. 294)

Quanto à contribuição da história pública digital em tempos de pandemia e em relação à educação, Anita Lucchesi, Pedro Silveira e Thiago Nicodemo (2020, p.169) se perguntam: “Será mesmo que os professores, as salas e os alunos voltarão à certa ‘normalidade’ após o surto pandêmico? Serão eles, após a pandemia, os mesmos professores, as mesmas salas de aula e os mesmos alunos?”. Os autores apontam a importância dos historiadores em atuar na era digital para garantir o respeito à memória, à justiça social e a novos formatos sobre a produção e o ensino de conhecimento, em tempos em somos assolados por mudanças drásticas e desrespeito à vida. É nesse sentido, de entender como professores foram afetados pela crise pandêmica e como registram e significam suas experiências, que este projeto pretende se posicionar.

A partir dos entrelaçamentos entre História Pública e Digital, O diário busca identificar os sujeitos no processo de construção coletiva e analisar os registros como expressões das subjetividades assim como das transformações sociais trazidas pela pandemia. Entre os diferentes registros feitos até o momento na Plataforma criada em 2020, foram selecionados os relatos de professores da rede pública de Alfenas, por serem representativos de uma experiência também coletiva que afetou as vidas pessoais, pelo isolamento, mas também as formas de lidar com a Educação. Assim, as possibilidades

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

dessa proposta se fazem necessárias, percebidas as situações do tempo presente em que fomos atravessados por sentimentos que interromperam encontros, afetos e abraços. Nesse sentido, a plataforma segue em aberto para novos registros de docentes e a análise dos relatos contidos no “Diário Virtual: Memórias da Pandemia” permitirá reflexões sobre as relações entre memória e história pública.

A análise sobre o “Diário” será realizada, também, em comparação à existência de outros acervos já existentes pelo Brasil, uma vez que se entende que ele não seja uma ação isolada, mas uma preocupação coletiva de historiadores que entendem a importância de uma história pública digital, capaz de mobilizar socialmente e não permitir o esquecimento coletivo de momentos traumáticos como o que vivemos (BEZERRA, 2020). Se houver tempo, pretende-se que alguns professores que deixaram seus registros no Diário sejam convidados para relatar, com mais profundidade, sobre suas experiências na pandemia, desenvolvendo os preceitos da história oral e história pública digital (CARVALHO; LUCCHESI; SHOPES, 2016).

Um pressuposto importante a ser levado em conta é o conceito de autoria compartilhada, defendido por Michael Frish (2016), para se analisar a construção coletiva do conhecimento por meio do projeto Diário Memórias da Pandemia. A ideia do diário virtual tira do historiador a exclusividade da narrativa sobre a história e convida ao entrelaçamento de saberes capaz de trazer mais vida e pluralidade para dentro da ciência histórica.

## Referências

ALBIERI, S. **História Pública e consciência histórica**. In: ALMEIDA, J.R.; ROVAI, M. G (org.). Introdução à História Pública. São Paulo: Letra e Voz, 2011, p. 19-28.

ALMEIDA, J. R; ROVAI, M. G. (Org). **Introdução à história pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

BEZERRA, L. M. **Um “olhar arquivístico” sobre o projeto Diários construindo memórias**: educadores em tempos de pandemia. Escola de Formação dos Profissionais da Educação Paulo Renato Costa Santos. 2020, p.1-4.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

CARVALHO, B. L.; LUCCHESI, A. **História digital: reflexões, experiências e perspectivas.** In: MAUAD, A. M.; ALMEIDA, J. R.; SANTHIAGO, R. (org.). História pública no Brasil: sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 149-155.

CERRI, L. F. Didática da História: uma leitura teórica sobre a História na prática. **Revista de História Regional**, v. 15, n.2, 2010, p. 264-278.

FRISH, M. **A história pública não é uma via de mão única, ou, De A sahrred Authority à cozinha digital, e vice-versa.** In: MAUAD, A. M.; ALMEIDA, J. R.; SANTHIAGO, R. (org.). História pública no Brasil: sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 57-69.

GUIMARÃES, Manoel Salgado. **Escrita da história e ensino da história: tensões e paradoxos.** In: GONTIJO, R.; MAGALHÃES, M.; ROCHA, H. (orgs.). A escrita da história escolar: memória e historiografia. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009

HUYSEN, A. **Seduzidos pela memória.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

LIDDINGTON, J. O que é História Pública: os públicos e seus passados. IN: ALMEIDA, J. R.; ROVAI, M. G. (Org). **Introdução à história pública.** São Paulo: Letra e Voz, 2011.

LUCCHESI, A; SILVEIRA, P; NICODEMO, T. **Nunca fomos tão úteis.** Esboços, Florianópolis, v. 27, n. 45, p. 161-169, maio/ago. 2020.

NORA, P. **Entre memória e história.** A problemática dos lugares. Proj. História, São Paulo (10), dez. 1993.

PORTELLI, A. **Filosofia e os Fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais.** Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, nº. 2, p. 59-72, 1996.

RÜSEN, J. **Razão Histórica: teoria da história.** Brasília: Editora da UNB, 2010.

SANTHIAGO, R. Duas palavras, muitos significados: Alguns comentários sobre a história pública no Brasil. IN: MAUAD, A. M; ALMEIDA, J. R; SANTHIAGO, R. (Orgs.). **História pública no Brasil: sentidos e itinerários.** São Paulo: Letra e Voz, 2016. p.28

SHOPES, L. **A evolução do relacionamento entre história oral e história pública.** In: MAUAD, A. M; ALMEIDA, J. R; SANTHIAGO, R. (Orgs.). História pública no Brasil: sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 71-85.

SILVA, M. M. P.; ANDRADE, E. P.; ALMEIDA, J. R. **Artes de ensinar, ofício de viver: das narrativas (auto)biográficas a uma história pública dos professores.** Revista História Hoje, v. 8, p. 158-181, 2019.

SILVA, M. G. **O papel do historiador diante da pandemia.** Boletim de Conjuntura. ano II, v. 3, n. 7, Boa Vista, p. 1-5, 2020.

**ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História  
Rio de Janeiro/RJ, 2021**

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.